

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRA MARIA VALECHENSKI DA SILVA

O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A CONTRIBUIÇÃO  
DA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Lapa Paraná

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRA MARIA VALECHENSKI DA SILVA

O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A CONTRIBUIÇÃO  
DA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao de Curso de Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, Coordenadoria de Intervenção de Políticas de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná, como requisito básico à obtenção do título de especialista.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Elizabeth Bernardino.

Lapa Paraná

2013

## TERMO DE APROVAÇÃO

**SANDRA MARIA VALECHENSKI DA SILVA**

O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A CONTRIBUIÇÃO  
DA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, como requisito à obtenção do título de especialista, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Jorge Vinícius Cestari Felix; Doutorado

Vínculo institucional: Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná.

---

Prof. Shirley Boller; Mestrado

Vínculo institucional: Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná.

---

Prof. Derdried Athanasio Johann; Mestrado

Vínculo institucional: Instituto Federal do Paraná.

Lapa, 14 de dezembro de 2013.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a DEUS por ter nos dado saúde e sabedoria para enfrentar o caminho e seguir...;  
aos nossos familiares pelo apoio e incentivo;  
a nossa orientadora pela atenção, carinho e dedicação desprendidos.

## RESUMO

SILVA, S.M.V. **O enfrentamento da violência na escola e a contribuição da Educação Física.** 2013. Monografia (Especialização em saúde para professores do ensino fundamental e médio) – Universidade Federal do Paraná.

Procurou-se com a presente intervenção abordar um dos desafios educacionais contemporâneos que afeta e interfere no processo educativo, o tema violência na escola e seu enfrentamento, objetivando utilizar a disciplina de Educação Física para conscientizar escolares do ensino fundamental a diminuir atos de violência, sejam contra professores, alunos, comunidade escolar ou o patrimônio público. Utilizou-se, para tanto a execução da intervenção, em dois momentos: no primeiro momento apresentação aos discentes, por uma abordagem dialogada expositiva, a dinâmica da intervenção pretendida, instigando-os a relatos de experiências ou vivências ao tema violência e em seguida, apresentação de imagens (slides) com cenas de violência na escola ou entorno para as quais responderam descrevendo ações positivas para evitar ou prevenir. No segundo momento, os discentes participaram de dinâmicas e jogos cooperativos, em aula prática na quadra, objetivando conscientizá-los da possibilidade da convivência, grupal e colaborativa, ofertada pelos jogos cooperativos. Em seguida, houve a conversação influenciando mudanças de ações/comportamentos visando comprometimento e superação da violência, reforçando e concluindo as ações da intervenção. Com este, a Relevância da Intervenção está na contribuição para uma escola e futura sociedade menos violenta, ressaltando a interferência do docente em instigar reflexões sobre a moral, a ética e a violência (instrução e formação crítica).

Palavras-Chave: Educação Física; Violência na Escola; Jogos Cooperativos.

## ABSTRACT

SILVA , S.M.V. **Tackling violence in schools and the contribution of Physical Education .** 2013. Monograph ( Specialization in health for teachers of elementary and middle school ) - Federal University of Paraná .

This intervention addresses one of the contemporary educational challenges that affects and interferes with the educational process, the theme of violence in school and fought, aiming to use the discipline of Physical Education to educate students from elementary school to decrease violence against teachers, students, school community or public property. It was used for both the implementation of the intervention in two stages: at first, presentation to students, for expository dialogue-based approach , the dynamics of the intended intervention , urging them to experience reports the theme of violence and then slideshow ( slides ) with scenes of violence at school or around which accounted for describing positive actions to avoid or prevent. In the second phase, the students participated in group dynamics and cooperative games, in practical class on the court, aiming to make them aware of the possibility of coexistence, group and collaborative, offered by cooperative games . Then there was the conversation influencing changes in actions/behaviors aimed commitment and overcoming violence, strengthening and completing the actions of the intervention. With this, the relevance of the intervention is to contribute to a school and less violent future society emphasizing interference in instigating teacher reflections on morality, ethics and violence (education and training critical ) .

Keywords : Physical Education; School Violence; Cooperative Games.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
1.1 OBJETIVO GERAL .....	9
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	10
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>10</b>
2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA E SUA FINALIDADE .....	10
2.2 A VIOLÊNCIA.....	13
2.2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA .....	13
2.2.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA .....	14
2.2.3 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA .....	15
2.3 OS JOGOS COOPERATIVOS E SUAS CATEGORIAS.....	18
2.3.1 AS FUNÇÕES DOS JOGOS .....	19
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>20</b>
3.1 LOCAL DA INTERVENÇÃO .....	20
3.2 SUJEITOS DA INTERVENÇÃO .....	21
3.3 TRAJETÓRIA DA INTERVENÇÃO .....	22
<b>4 RESULTADO DA INTERVENÇÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A disciplina da Educação Física muito contribui, por meio dos movimentos que os educandos realizam durante os jogos/tarefas, nas repercussões de seu comportamento fazendo-as expressar condutas, valores e normas de convivência as quais estão acostuma-das/condicionadas pelo seu meio social. Nesse sentido, nas aulas procura-se possibilitar aos alunos o acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, relacionando-o às práticas cor-porais, ao contexto histórico, político, econômico e social vigentes.

Nesta intervenção, abordar-se-á o tema violência na escola e a contribuição da Educação Física, partindo do pressuposto que somos frutos/objetos de uma sociedade capi-talista, manipuladora, excludente, consumista, imediatista..., onde os valores dos homens so-frem “assaltos” diários em seus sentidos e deixam sem saber o que fazer ou como proceder, conformar-se diante tantas imposições de um mundo globalizado ou lutar por um viver bem comum? Deparamo-nos diariamente, em meio às nossas rotinas, com diversas formas de vio-lência que só os seres “ditos” humanos são capazes de cometê-las. Violência pessoal ou estru-tural – implicam em atos e resultados que infringem a ética e a ordem social, afetam a vida do ser humano em graus de destruição/desilusão e até desesperança promovendo desequilíbrios pessoais, sociais que os desestruturam. Casos de violência pessoal ou estrutural, como índices de pobreza, acesso à educação, saúde, oportunidades de movimento social, desigualdades de classes e salariais, utilitarismo/consumismo, urbanização acelerada, aumento da criminalida-de, ânsia por ascensão pessoal e profissional, põem em “jogo” os meios éticos para se sobre-viver neste caos social e que na busca das melhores colocações ou realizações “cada um luta com as armas que possui”, assumindo a responsabilidade por seu projeto existencial, muitas vezes esquecendo-se dos valores éticos.

Como educadores – na escola, como pais/família – em casa, como comuni-dade – convivência externa, transmite-se valores estéticos, religiosos, intelectuais, da utilida-de, morais e cívicos (liberdade, justiça, solidariedade, honestidade, tolerância, disponibilidade para dialogar, respeito humano), valores de beleza e simpatia e normas de convivência social, capazes de instruir a valorar o outro por meio da ética, que é a ciência do respeito aos meus valores e aos dos outros. É a reflexão sobre os juízos de valores. Porém, percebe-se com cla-reza que a moral, ou os bons costumes, o guia do que deve ou não ser feito, está a cada dia mais vulnerável e influenciável entre os discentes. Muitos não apresentam mais a firmeza de caráter e são penderes nas decisões, emitem opiniões convergentes e não corroboram com as



regras de convivência ou de normas sociais, promovendo a desordem e ações de violência e desrespeito nos ambientes escolares. Então se propõem o problema “como enfrentar a violência na escola pela contribuição da Educação Física?”.

Nota-se que ética e violência, protagonistas da sociedade estressada, uma via de mão dupla que, na busca de satisfação pessoal/felicidade ou pela luta por sobrevivência, seres humanos atônitos ou estarecidos, presenciam-nas, nos diferentes contextos, ora como autores/sujeitos, ora como meros expectadores/vítimas/perplexos, e verificam a instauração do individualismo e o avanço de uma sociedade desenfreada onde cada vez menos vidas humanas têm valor ou importância. Porém “como docentes, detentores de poder” para promover a reflexão, explorar os discentes instigando a percepção, sobre a moral, a ética e a violência, contribui para instruí-los e esclarecê-los em suas ações futuras, formando-os conscientes.

De acordo com Abramovay; Rua, (2002, p.335):

Ao mesmo tempo em que a escola é o local de aprendizagem de valores e de exercício da ética e da razão, é noticiada como lugar de incivilidades, brigas, invasões, depredações e até mortes, onde os conflitos se registram entre vários agentes: alunos-alunos; alunos e professores, alunos e funcionários, etc., inclusive por violências simbólicas e autoritarismos.

Para Soares (1992), os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, são imprescindível para a formação humana, o que pressupõem compromisso com a solidariedade e o respeito, a compreensão de que o jogo se faz a dois, e de que é diferente jogar com o companheiro e jogar contra o adversário. .

Para tanto, pela disciplina de Educação Física propõe-se o projeto de intervenção sobre o problema da violência na escola e abordando os jogos cooperativos para diminuir a competição e a violência na escola, explicitados pelos objetivos:

## 1.1 OBJETIVO GERAL

Utilizar a disciplina de Educação Física para conscientizar escolares do ensino fundamental a diminuir atos de violência seja contra professores, alunos, comunidade escolar ou o patrimônio público.

## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Despertar a consciência de cooperação;
- Favorecer o respeito, a tolerância e a valorização pelo diferente;
- Ensinar para além das regras e estruturas do jogo.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA E SUA FINALIDADE

Para que se compreenda o momento atual da educação física é necessário considerar suas origens no contexto brasileiro, abordando as principais influências que marcam e caracterizam esta disciplina e os novos rumos que estão se delineando.

No século passado, a Educação Física esteve estreitamente vinculada às instituições militares e à classe médica. Visando melhorar a condição de vida, muitos médicos assumiram uma função higienista e buscaram modificar os hábitos de saúde e higiene da população. A Educação Física, então, favorecia a educação do corpo, tendo como meta a constituição de um físico saudável e equilibrado organicamente, menos suscetível às doenças. (SOARES, 2004)

Em 1882, Rui Barbosa deu seu parecer sobre o Projeto 224 – Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto n. 7247, de 19 de abril de 1979, da Instrução Pública, no qual defendeu a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação dos professores aos das outras disciplinas.

Na década de 30, no Brasil, dentro de um contexto histórico e político mundial, com a ascensão das ideologias nazistas e fascistas, ganham força novamente as ideias que associam a eugeniação da raça a Educação Física. O exército passou a ser a principal instituição a comandar um movimento em prol do “ideal” da Educação Física que se mesclava aos objetivos patrióticos e de preparação pré-militar. O discurso eugênico logo cedeu lugar aos objetivos higiênicos e de prevenção de doenças, estes sim, passíveis de serem trabalhados dentro de um contexto educacional.

Os anos 30 tiveram ainda por característica uma mudança conjuntural bastante significativa no país: o processo de industrialização e urbanização e o estabelecimento do Estado Novo. Nesse contexto, a Educação Física ganhou novas atribuições: fortalecer o trabalhador, melhorando sua capacidade produtiva, e desenvolver o espírito de cooperação em benefício da coletividade. (PARANÁ 2008).

Do final do Estado Novo até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971, houve um amplo debate sobre o sistema de ensino brasileiro. Nessa lei ficou determinada a obrigatoriedade da Educação Física para o ensino primário e médio. Segundo a LDBE/71 - Lei nº 5.692 de 11 de Agosto de 1971 :

Art. 7º “ Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 26, parágrafo 3º, “dispõe que a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

Atualmente se concebe existência de algumas abordagens para Educação Física escolar no Brasil que resultam da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas. Todas essas correntes tem ampliado os campos de ação e reflexão para a área e aproximado das ciências humanas, e, embora contenham enfoques científicos diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes, tem em comum a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano. (BRASIL 1997)

Sabemos que as Diretrizes Curriculares da Ed. Básica e a Ed. Física “apontam a Cultura Corporal como objeto de estudo e ensino da Educação Física, evidenciando a relação estreita entre a formação histórica do ser humano por meio do trabalho e as práticas corporais decorrentes”. (PARANÁ 2008, p. 53)

Partindo das relações sociais, o corpo expressa-se de maneiras diferentes: ginásticas, jogos, esportes, lutas e danças, são os conteúdos estruturantes da disciplina de Educação Física, com os quais se trabalharão o corpo em movimento e oportunizarão aos educandos manifestar-se e expressar-se, analisando e refletindo o momento histórico e o que estão inseridos.

Percebe-se que a Educação Física consciente é aquela que contribui para a educação do indivíduo através do ato educativo, que é o resultado de um processo de ação dinâmica, onde os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem estão

conscientes e exercitam sua criticidade durante todo o processo. (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, 1990, p. 184).

A Educação Física a partir de sua contextualização na sociedade capitalista baseia-se, assim, superar formas anteriores de concepção e atuação na escola pública, visto que a superação é entendida como ir mais além, mas considerada objeto de análise, de crítica, de reorientação e/ou transformação daquelas formas. Nesse sentido, procura-se possibilitar aos alunos o acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, relacionando-o às práticas corporais ao contexto histórico, político, econômico, e social. (PARANÁ, 2008).

Em se sabendo que, se atuação do professor efetiva-se na quadra, em outros lugares do ambiente escolar e em diferentes tempos pedagógicos, seu compromisso, tal como o de todos os professores, é com o projeto de escolarização ali instituído, sempre com favor da formação humana. Esses pressupostos se expressam no trato com os conteúdos específicos, tendo como objetivo formar a atitude crítica perante a Cultura Corporal, exigindo domínio do conhecimento e a possibilidade de sua construção a partir da escola. (PARANÁ, 2008).

Nesse sentido, procura-se possibilitar aos alunos o acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, relacionando-o às práticas corporais, ao contexto Histórico, político, econômico e social. “A exacerbação e a ênfase na competição, na técnica, no desempenho máximo e nas comparações absolutas e objetivas faz do esporte na escola uma prática pedagógica potencialmente excludente, pois, desta maneira, só os mais fortes, hábeis, e ágeis conseguem viver o lúdico e sentir prazer na vivência e no aprendizado desse conteúdo”. (PARANÁ, 2008, p. 63)

Na sociedade capitalista a competição exacerbada leva os indivíduos a agir com individualismo em busca de um mesmo objetivo excludente, causando conflito e violência. Para Soares 1992, p.71,

“os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, são imprescindível para a formação humana, o que pressupõem compromisso com a solidariedade e o respeito, a compreensão de que o jogo se faz a dois, e de que é diferente jogar com o companheiro e jogar contra o adversário”.

Desta forma a Educação Física vem fazer uma reflexão sobre o problema da violência na escola e propõe os jogos cooperativos para diminuir a competição e a violência na escola.

## 2.2 A VIOLÊNCIA

O homem na sua evolução histórica, na relação com a natureza, no domínio dos bens de produção e consumo, vem provocando transformação no meio de acordo com as suas necessidades.

Para Saviani (1989, p.39), “o meio em que o homem vive, condiciona-o, determina-o em todas as suas manifestações. Mas não é só o meio que condiciona o homem, mas a cultura também se impõe a ele. Perante a situação o homem intervém pessoalmente para aceitar, rejeitar ou transformar. A cultura por um lado é a transformação que o homem opera sobre o meio e, também os resultados dessa transformação. O homem é então capaz de superar os condicionamentos da situação; ele não é totalmente determinado; é um ser livre, impondo respeito à pessoa humana”.

Considerando o tema da violência, enquanto sujeitos empenhados em ações de intervenções sociais por meio da educação formal e docentes, somos envolvidos em discussões sobre a violência na escola, a superar situações concretas, a desenvolver mecanismos de enfrentamento, além da compreensão, reflexão e por meio de conhecimentos científicos, desprovidos de preconceitos e discriminações abordarem este tema/fenômeno tão presente na sociedade contemporânea, despertando a necessidade de discussão do assunto, para a construção de políticas e de ações para a prevenção e/ou combate.

### 2.2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA

Sabendo que o entendimento do que é violência não é o mesmo nas várias culturas e sociedades, sendo de conteúdos diferentes, segundo seus próprios tempos e espaços. Em nossa cultura, Chauí (1994, p. 336), define que “a violência é entendida como o uso da força física e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário a sua natureza e ao seu modo de ser”.

No dicionário Aurélio, violência é constrangimento físico ou moral, o uso da força e da coação.

Ações que envolvem a violência estão presentes nos mais diversos ambientes ou meios e, em especial abordando o “fenômeno” da violência nas escolas, torna-se corriqueiro neste cotidiano, demonstrações daqueles que já vivenciaram fora da escola, situações ligadas a roubos, ameaças, discussões, uso de palavrões, assalto, discriminação, vandalismo,

atitudes autoritárias, brigas... Sabe-se que a escola deve ser o meio propício para assegurar a educação de forma geral, porém é indiscutível a necessidade de se identificarem medidas para que os estabelecimentos de ensino se apresentem como espaço seguro para seus integrantes, uma vez que a violência afeta o andamento do ensino, a integridade física, emocional e psicológica de alunos, professores, funcionários e pais, além de baixar o conceito/credibilidade da escola frente à sociedade. (SEED – Pr, 2008).

### 2.2.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA

Qualquer definição relacionada à violência nos reporta à ações de ruptura do comportamento normal pessoal ou moral social. Demonstrações de impaciência/ira, agressões, depredações, intolerância, desrespeito, ofensas ou deprecições são comuns para os que a praticam. A violência pode ser:

**VIOLÊNCIA FÍSICA:** é o uso da força objetivando ferir, machucar, deixando ou não marcas evidentes. É comum o uso de murros, chutes, queimaduras, estalos e agressões com diversos objetos. A violência física pode ser agravada quando o agressor está sob o efeito de drogas, do álcool, ou quando possui algum transtorno explosivo.

**VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA:** ou agressão emocional - tão ou mais prejudicial que a física. Caracterizada e presente nas relações humanas, pela rejeição, deprecição, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas. Ela não machuca o corpo fisicamente e nem deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente provoca cicatrizes para toda a vida. Percebe-se a violência psicológica nos diversos comportamentos da vítima que procura chamar atenção, satisfazer a necessidade de carinho e de importância. Casos de agressão dissimulada, em que o agressor tenta fazer com que a vítima se sinta inferior, dependente e culpada. A atitude de oposição e aversão também são casos de violência psicológica, em que o agressor age ou toma certas atitudes com o intuito de provocar ou menosprezar a vítima. Casos onde as ameaças de mortes estão presentes, também caracterizam a violência psicológica.

**VIOLÊNCIA VERBAL:** não é uma forma de violência psicológica. Esta forma de violência normalmente é utilizada para oportunizar e incomodar a vida das outras pessoas. Pode ser realizada através do silêncio, que muitas vezes é muito mais violento que os métodos utilizados habitualmente, como as ofensas morais (insultos), deprecições e xingamentos.

**VIOLÊNCIA SEXUAL:** identificada quando o agressor, culpado, abusa do poder que tem sobre a vítima para obter gratificação sexual, sem o seu consentimento, sendo induzida ou obrigada a práticas sexuais com ou sem violência física. Casos de violência sexual envolvem o medo, a vergonha e a culpa, sentimentos demonstrados pela vítima, mesmo naquelas que acabam por denunciar o agressor, sendo essa uma razão de as ocorrências destes crimes serem ocultadas.

**NEGLIGÊNCIA:** considerada o ato de omissão do responsável pela criança/idoso/outra (pessoa dependente de outras), em proporcionar as necessidades básicas diárias (alimentação, higiene, educação, medicação...) para a sua sobrevivência ou para o seu desenvolvimento. Os danos causados pela negligência podem ser permanentes e graves.

**VIOLÊNCIA NOS ESPORTES:** apresentada pela característica de alguns esportes como o boxe, futebol, rugby, entre outros, ou pela violência praticada entre esportistas/atletas ou entre torcedores de determinadas categorias. Como exemplos: casos de violência praticados por torcidas organizadas e atitudes inadequadas de jogadores dentro do campo/quadra para com seus adversários ou árbitros.

O **BULLYING:** este termo veio a partir da palavra *bully*, que em inglês significa valentão. Refere-se ao conceito de todos os tipos de agressão verbal e física, que acontecem com frequência e sem motivo, muito presente nos ambientes escolares. Resulta na causa de distúrbios mentais e psicológicos das vítimas, além da evasão escolar. (pt.wikipedia.org/wiki/Violência)

### 2.2.3 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Sobre o tema da violência, estudos ou dados teóricos e empíricos permitem compreender o fenômeno da violência como fruto de um construto social. Sabendo que a violência no ambiente escolar não tem início na Instituição, mas aparece ou apresenta-se nesta como o reflexo da vivência por meio uma sociabilidade que aceitaria a violência como algo perene, e algumas vezes banal.

A escola brasileira tem como ideário a proteção contra violência externa. Mesmo que existe a violência no âmbito escolar (relações entre professor/aluno/instituição), é a violência que o aluno traz de sua casa, do seu bairro, das suas relações sociais, um reflexo da sua realidade, sendo uma forma de chamar atenção, contrapor as hierarquias no qual estão inseridos, ou seja, a criança que sofre violência em casa vai demonstrá-la de várias formas, sendo a agressividade contra o professor um destes fatores e não uma violência propriamente contra a instituição escolar.

[www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/Viol%C3%Aancia\\_na\\_escola](http://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/Viol%C3%Aancia_na_escola) Violência na escola.

Para compreendermos a violência escolar é necessário definirmos o conceito de violência, que segundo Schmidt (2000, p. 400), “na escola pode-se aborda-la em três dimensões, que são: a violência em torno da escola, a violência dentro da escola e a violência da escola”. Portanto, sabemos e convivemos com o fato de que existe uma tendência à naturalização da percepção das violências nas escolas. Acostumamo-nos com casos como as brigas, os furtos e as agressões verbais e consideramos acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua aceitação, legitimação como mecanismo de solução de conflitos. É comprovado o aumento de casos de violência na escola, principalmente de seus efeitos concretos em ambiente interno: a indisciplina, a turbulência ou apatia nas relações, os confrontos velados, as ameaças de diferentes tipos, os muros e proteção por grades, a depredação, a exclusão, a agressão à outra pessoa, o sujeitar os sujeitos às instituições.

Violências no ambiente externo ou no entorno da escola: policiamento, gangue e tráfico de drogas, o funcionamento e relações sociais da escola (percepções sobre a escola, transgressões e punições); outros tipos de ocorrências (ameaças, brigas, violência sexual, uso de armas, furtos e roubos), envolvem de alguma forma os sujeitos da escola seja como praticantes ou vítimas. (SEED – Pr, 2008).

De acordo com Abramovay; Rua (2002, p. 69):

Na literatura contemporânea, sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros especialistas privilegiam a análise da violência entre alunos ou desses contra propriedade (vandalismo, por exemplo) e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos. O que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do *status* de quem fala (professores, diretores, alunos...), da idade e provavelmente do sexo.

Para Abramovay; Rua (2002), tanto na literatura estrangeira como nacional, os trabalhos sobre violências nas escolas, recorrem a múltiplas associações das ocorrências com características e atributos das vítimas e dos agressores:

- Gênero: Constata-se que os meninos se envolvem mais que as meninas em situações de violência, sejam como vítimas ou como autores;
- Idade: O comportamento agressivo é associado com o ciclo etário;
- Etnia: Na escola se reproduz os estereótipos étnicos dominantes, o que se traduz em resistência dos alunos de minorias étnicas e ao tratamento discriminatório por parte de seus colegas e professores;



- Família: Alguns autores referem-se à família como condicionante ou antecedente de personalidades violentas, destacando alguns que denominam de “características sociais das famílias violentas”;
- Ambiente externo: As comunidades que apresentam pequenos sinais de abandono ou decadência estão mais vulneráveis à violência;
- Insatisfação/Frustração com as instituições e a gestão pública: o descaso para com as escolas públicas pelo Poder Público, sua falta de equipamentos e recursos didáticos e a baixa qualidade de ensino em face das demandas de mercado de trabalho e as expectativas dos jovens;
- Exclusão Social: Restrições à incorporação de parte da população à comunidade política e social;
- Exercício do poder: desestímulo e má qualidade do ensino, incivilidades e discriminações estariam contribuindo para desrespeitar os direitos humanos dos alunos à proteção e perderiam o momento pedagógico de formar contraculturas de violência; a má qualidade do ensino, a carência de recursos humanos. (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Sabe-se que no espaço escolar as crianças passam a maior parte do dia e sofrem a ausência da família, que vem delegando o papel de educador para a escola. Porém é notória que nenhuma outra instituição poderá substituir as condições educativas da família, a transmissão de valores, normas de convivência, o respeito, entre outros, que competem aos pais. Segundo o Artigo 227 da Constituição Federal de 1988:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

[http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/busca?q=ART.+227+DA+CONSTIT](http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/busca?q=ART.+227+DA+CONSTITUI%C3%87%C3%83O+FEDERAL)

[UI%C3%87%C3%83O+FEDERAL](http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/busca?q=ART.+227+DA+CONSTITUI%C3%87%C3%83O+FEDERAL)

Portanto, à escola cabe ensinar os conteúdos teóricos, conhecimentos formais acumulados historicamente pelos humanos e exigidos pelo sistema de ensino, além de criar mecanismos de enfrentamento ou minimização da violência que conduzam a mudanças de atitudes dos envolvidos no processo de ensino.

### 2.3 OS JOGOS COOPERATIVOS E SUAS CATEGORIAS

Ao falar sobre Jogos Cooperativos, Terry Orlick (1989) torna-se a principal referência em estudos e trabalhos sobre esse tema. Para esse importante pesquisador, os Jogos Cooperativos (JC) não são manifestações culturais recentes, nem tampouco uma invenção moderna. A essência dos JC começou quando membros das comunidades tribais se uniam para celebrar a vida. A celebração era extremamente valorizada, e os índios buscavam a alegria e o amor pela vida e pela natureza. Eram jogos baseados em atividades com mais oportunidades de diversão e que procuravam evitar as violações físicas e psicológicas. Desde cedo, as crianças aprendiam com os adultos esses princípios e buscavam praticar os diferentes jogos com alegria e companheirismo. Dessa maneira, mudanças podem ser feitas nos jogos tradicionais com o objetivo de introduzir, pouco a pouco, os valores de cooperação.

Baseado nisso, Terry Orlick (1989) categorizou os jogos cooperativos da seguinte forma:

**Jogo cooperativo sem perdedores:** São os jogos plenamente cooperativos, pois todos jogam juntos para superar um desafio comum e não há perdedores.

**Jogos cooperativos de resultado coletivo:** São formadas duas ou mais equipes, mas o objetivo do jogo só é alcançado com todos jogando juntos, por um objetivo ou resultado comum a todos.

**Jogo de inversão:** Esses quebram o padrão de times fixos, em que dependendo do jogo, os jogadores trocam de times a todo instante, dificultando reconhecer vencedores e perdedores.

**Jogos semicooperativos:** Esses jogos favorecem o aumento da cooperação do grupo, e oferece as mesmas oportunidades de jogar para todas as pessoas do time, mesmo um com menor habilidade, pois existem regras para facilitar a participação desses. Os times continuam jogando um contra o outro, mas a importância do resultado é diminuída, pois a ênfase passa ser o envolvimento ativo no jogo e a diversão. (ORLICK, 1989, apud Soler, p. 55).

Para Soler, os Jogos Cooperativos são essencialmente divertidos, onde o riso prende a atenção de todos, e assim aumentando a confiança e a autoestima. Tentamos superar desafios ou obstáculos, sempre com alegria e motivação acontece o envolvimento de corpo e alma. São atividades que tentam através dos jogos diminuindo as manifestações de agressi-

vidade, promovendo boas atitudes, tais como: sensibilização, amizade, cooperação e solidariedade, facilitando o encontro com os outros que jogam, e os objetivos coletivos predominam sobre os objetivos individuais. É através dos jogos também que enxergamos a nossa capacidade de conviver, e assim incentivamos a participação, criatividade e a expressão pessoal de cada participante. Nestes jogos competimos com os nossos próprios limites e habilidades e não mais contra os outros. (SOLER, 2009).

Portanto, durante a atuação da criança no jogo, aparecerão indícios de como encarar a vida, portanto, pelo jogo cooperativo professores comprometidos com a qualidade da sua prática educativa, reconhecem-no como um meio para o desenvolvimento social, emocional e intelectual dos alunos, além de estimular o crescimento, a coordenação muscular, as faculdades intelectuais, a iniciativa individual.

### 2.3.1 AS FUNÇÕES DOS JOGOS

Segundo Kishmoto (2001, p. 19 e 20), o jogo possui duas funções gerais essenciais:

Função lúdica: o jogo propicia a diversão, o prazer e até o desprazer.

Função educativa: O jogo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e seu posicionamento com o mundo.

Além das funções, o jogo permite à criança adquirir:

O valor experimental: exploração e manipulação;

O valor da estruturação: construção da personalidade infantil;

O valor da relação: a criança em contato com seus pares e adultos, com objetos e com o ambiente em geral.

O valor lúdico: avaliar se os objetos possuem as qualidades que estimulam a ação lúdica.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.47), “a participação em jogos de grupo também representa uma conquista cognitiva, emocional, moral e social para o estudante e um estímulo para o desenvolvimento de suas competências”.

Portanto, na escola pela Educação Física, trabalhar os diferentes tipos de jogos, vem significar alegria, interações, divertimento, entusiasmo, confiança, aprendizagens, desenvolvimentos, aprender a cooperar e competir sadamente.

Por meio dos jogos, a educação física pode ensinar muito mais do que gestos, técnicas, táticas e outras habilidades específicas. Em nossos dias, deve promover e aperfeiçoar as "habilidades humanas essenciais" (BROTTO, 1999).

Dessa forma, nas aulas de Educação Física é indispensável utilizar-se dos jogos cooperativos, aplicando-os em momentos diversos, resultará na formação integral do aluno, devido sua importância ao desenvolvimento discente e caráter educativo o qual favorece a promoção da autoestima, a potencialização de valores e atitudes que melhoram o desenvolvimento da sociedade como: solidariedade, confiança e respeito mútuo.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 LOCAL DA INTERVENÇÃO**

A proposta do projeto de intervenção foi realizada na Escola Estadual “Manoel Antonio da Cunha”, localizada no município da Lapa Pr., iniciando com dados obtidos do PPP (2011), da escola e com a caracterização do município que, possui 102.125 Km<sup>2</sup> de extensão e ocupa a quinta maior área territorial do Paraná. Situada na região sudeste do Estado do Paraná a 64 Km da capital Curitiba, possui uma população de 41.838 habitantes, sendo que mais da metade (57,53%) se concentra no meio urbano e 42,47% nas comunidades rurais interligadas por aproximadamente 3 mil Km de estradas (Dados do IBGE, 2000), dos quase 42 mil habitantes, 92,30% são alfabetizados. Sua principal atividade econômica é a agricultura, onde se destacam as culturas de soja, milho, feijão, batata. Detém hoje a maior área plantada de frutas de caroço do Paraná. Além disso, a agricultura orgânica vem se desenvolvendo a cada dia e ampliando mercado. Possui também grande potencial turístico (histórico cultural e religioso), por ter sido palco de um grande confronto bélico entre maragatos e as forças republicanas, denominado “Cercos da Lapa”, que contribuiu para a consolidação da República.

A caracterização da Escola Estadual “Manoel Antônio da Cunha”: localiza-se a Rua João Cândido Ferreira, nº 608, na zona urbana da histórica cidade da Lapa – PR, é

mantida pelo Governo do Estado do Paraná, através da Secretaria de Estado da Educação (SEED). A Escola Estadual “Manoel Antônio da Cunha”, foi construída na gestão do saudoso Ney Braga e foi por ele inaugurada no dia 29 de outubro de 1978. A escola tem essa denominação em homenagem a Manoel Antônio da Cunha, primeiro professor público na vila do Príncipe e personalidade histórica precursora das virtudes lapianas.

O seu funcionamento iniciou-se no ano de 1979 com aproximadamente 442 alunos, divididos em 14 turmas nos turnos diurno e noturno, tendo a finalidade de ministrar o ensino de 1º Grau de 5ª a 8ª séries. Além das disciplinas da base comum, a escola ofertava: Técnica Industrial, Técnica Comercial, Técnica Agrícola e Educação para o Lar, aulas estas que tornavam a escola mais atrativa para os alunos e por isso a escola ficou conhecida pelo nome de POLIVALENTE.

Atualmente, a escola oferta o Ensino Fundamental – anos finais do 6º ao 9º ano, e nesses 34 anos de existência vem atendendo a comunidade escolar lapiana com um ensino de qualidade procurando sempre, pautar suas ações de acordo com as diretrizes e as legislações educacionais.(PPP, 2011).

### 3.2 SUJEITOS DA INTERVENÇÃO

Quanto aos sujeitos ou participantes da intervenção, de forma geral: A Escola “Manoel Antônio da Cunha” – Ensino Fundamental atende a uma comunidade composta por um grupo bastante heterogêneo, sendo que 23% deles residem no centro da cidade, 58% na periferia e 19% na zona rural do município, advindos de quatorze localidades diferentes. Estes alunos utilizam o transporte escolar municipal para se deslocarem até a escola. A faixa etária dos alunos atendidos pela escola varia de 10 a 15 anos. Quanto a cor de pele dos educandos, é predominantemente branca, cerca de 62%, o restante, dividem-se em pardos 36% e negros 2%. A maioria das famílias de nossos alunos professa a religião católica (79%), seguida pela evangélica (18%) entre outras (3%).

Essa comunidade escolar é caracterizada, em sua maioria, por famílias advindas da classe média baixa, cuja renda oscila de um a três salários mínimos (56%) e os que possuem renda até um salário mínimo, fazem parte do Programa do Governo Federal denominado Bolsa família (cerca de 27% dos alunos). Os alunos fazem parte das mais variadas configurações familiares, embora ainda predomine a formação da família tradicional, ou seja, pai,

mãe e filhos (72%). A escolaridade dos pais desses alunos varia do analfabetismo a cursos superiores, sendo que, em sua maioria 42% dos pais e 34% das mães possuem o Ensino Fundamental incompleto.

Por ser um município voltado predominantemente para a agropecuária, a maioria 11% dos pais de nossos alunos que residem na zona rural, dedicam-se a trabalhar na lavoura ou criação de animais. Já, boa parte dos familiares dos alunos que residem na zona urbana (centro e periferia), trabalham como funcionários públicos, nos diversos segmentos da Prefeitura Municipal, nas mais diversas funções na Empresa Seara, como motoristas nas diversas empresas de nossa cidade, nas fábricas, lojas e supermercados e também como autônomos (eletricistas, mecânicos, latoeiros, etc). As mães, na maioria das vezes, trabalham fora, para ajudar no sustento da família: na Seara como ajudante de produção; nas escolas como professoras, agentes educacionais; nas creches, como educadoras infantis ou agentes de apoio; no Lar Lapeano como cozinheiras ou copeiras; na Prefeitura Municipal, nas empresas de nossa cidade nas mais diversas funções e também como autônomas (diarista, cabeleireira, costureira, etc).

Na visão dos pais e segundo pesquisa realizada (agosto / 2010), 52% consideram a escola como um todo, boa 39% ótima e 9% razoável. Ainda segundo a mesma pesquisa, os pais dizem que a função da escola é: ensinar (49%), transmitir conhecimentos (19%), educar (17%) e preparar para o futuro e para o mercado de trabalho (15%).

Percebe-se que independentemente da condição sócio-econômica-cultural dos familiares dos nossos alunos, a expectativa que tem com relação à escola, é grande, e os mesmos entendem que é somente através dos conhecimentos transmitidos pela escola, que poderão exercer plenamente sua cidadania e contribuir dessa maneira para a transformação da sociedade em que vivem. (PPP, 2011).

### 3.3 TRAJETÓRIA DA INTERVENÇÃO

A intervenção ocorreu com alunos do 9º ano B, turma com 31 alunos do Ensino Fundamental, que apresentavam problemas relacionados à violência/relacionamentos, intolerância, durante os meses de agosto/setembro e contará com dois momentos. No primeiro momento foi apresentada aos discentes, por uma abordagem dialogada expositiva, a dinâmica da intervenção pretendida, instigando-os a relatos de experiências ou vivências ao tema vio-

lência. Em seguida foram apresentadas imagens (slides) com cenas de violência na escola ou entorno para as quais responderão descrevendo ações positivas para evitar ou prevenir e também, discutir uma intervenção que poderia evitar a situação de conflito ou a violência exposta na mesma.

FIGURA 1 - Violencia no Brasil.



<http://blogmail.com.br/violencia-no-brasil/>

A violência dentro das escolas ganhou outro nome, *bullying*. Hoje esse tipo de violência é encarada como discriminação e falta de bom senso da parte dos agressores, são jovens e adolescentes que deveriam estar lutando por uma vida melhor, mas que infelizmente estão agindo à favor de movimentos vândalos. É importante denunciar, é importante agir contra esse pré-conceito, pais, amigos e professores devem estar atentos. *Bullying* não é engraçado, é crime!

FIGURA 2 – Violencia na escola.



<http://i42.tinypic.com/2i0rts6.jpg>

FIGURA 3 – Brigas na escola.



<http://pazumundomelhor.blogspot.com/2010/07/o-que-e-isso-isso-sao-brigas-na-escola>.



FIGURA 4 – Violência contra professores.



[www.cicero.art.br](http://www.cicero.art.br)

FIGURA 5 – Violência contra o patrimônio ou estrutural.



<http://acaoculturalse.blogspot.com/2013/04/a-violencia-nas-escolas-estaduais->

FIGURA 6 – Brigas fora da escola.



<http://forum.outerspace.terra.com.br>

FIGURA 7 – Brigas entre alunas.



<http://clickriomafra.com.br/portal/noticias/riomafra>

FIGURA 8 – Violencia entre meninos.



<http://paz-ummundomelhor.blogspot.com/2010/07/o-que-e-isso-isso-sao-brigas-na-escola>

FIGURA 9 – Cartaz interrogativo.



<http://auribertoeternochoalheiro.blogspot.com/2009/10/violencia-nas-escolas-publicas>

No segundo momento da intervenção, os educandos participaram de algumas atividades práticas, relacionadas abaixo, envolvendo a execução de dinâmicas ou jogos cooperativos com o objetivo de conscientizá-los da possibilidade da convivência, grupal e colaborativa, com o intuito da diminuição de ações de violência.

1. PEGAR POR PARES: Um par de jogadores inicia a “pegar” os outros pela quadra. Quando os pares pegam outro formam um trio. Quando pega uma quarta pessoa deve dividir-se formando dois pares e assim sucessivamente. (SOLER, 2009).

2. BEXIGAS NO AR: Manter no ar a bexiga, utilizando partes do corpo, tais como: mãos, pés, ombros, joelhos, cabeças, etc. O objetivo do grupo será manter a bexiga no ar o maior tempo possível sem deixar cair. Depois de algum tempo juntar os grupos até formar um só. (SOLER, 2009). Variações: cada aluno utilizar uma bexiga com mensagens descritas anteriormente, trocam-se várias vezes no grupo as bexigas, estouram e leem a mesma.

3. GLOBOS COOPERATIVOS: Uma dupla inicia o jogo mantendo as bexigas presas pelas testas e barrigas. O objetivo é levar as duas bexigas para uma nova dupla, que terá que recebê-la sem tocar com as mãos. O facilitador dá um tempo de três minutos para concluir a tarefa. (SOLER, 2009).

4. JOGO DOS DEZ PASSES: duas equipes de quatro ou cinco alunos se enfrentam em espaço delimitado, quadra, tendo como objetivo trocar dez passes sem que a equipe adversária toque na bola (caso isso não ocorra, invertem-se os papéis). (DARIDO Jr., 2007).

5. JOGO DA VELHA COOPERATIVO: 16 bambolês dispostos no chão da quadra e 16 alunos (peças do jogo), os demais divididos em duas equipes orientarão o jogo. O objetivo do grupo será preencher com os colegas (aluno em pé, aluno de cócoras) na diagonal, vertical ou horizontal. (variação de SOLER, 2009).

6. CIRCULO CABE MAIS UM: desenhar com giz três ou mais círculos na quadra, com diâmetros variando de um a três metros. Orientar para que todos os alunos da turma entrem nos círculos sem pisarem nas linhas. Objetivando a cooperação, comandam-se que alguns alunos do círculo pequeno integrem o maior, estes devem recebê-los resolvendo o problema da falta de espaço, suspendendo os colegas, apoiando-se uns aos outros, ajuntando-se... Para complicar

ainda mais, propõe-se o cumprimento de tarefas aos grupos, como ficarem em um pé só, um integrante plantar bananeira, suspender um colega acima dos demais.

7. VIVÊNCIA: Jogo da caneta na garrafa: Distribua a turma em grupos de cerca de dez alunos. Para cada grupo entregue um kit contendo uma caneta com barbantes de dois metros amarrados (o número de barbantes corresponde ao número de integrantes de cada grupo) e uma garrafa PET. Os grupos devem formar um círculo em volta de suas respectivas garrafas e todos os integrantes devem estar com seu barbante preso à cintura, de modo que a caneta fique pendurada ao centro do círculo sobre a garrafa. O objetivo do jogo é colocar a caneta dentro da garrafa PET, sem tocar as mãos nos barbantes, ou seja, apenas com os movimentos coordenados dos integrantes do grupo. (DARIDO Jr., 2007).

Em seguida, ocorreu uma conversa com perguntas elaboradas previamente, visando a influência de mudanças nas ações/comportamentos instigando o comprometimento para a superação da violência, reforçando e concluindo as ações da intervenção, como as seguintes: O que esses jogos têm de cooperativos? Qual a importância de cooperarmos para atingir o objetivo em jogos como esse? Quais as dificuldades de trabalhar de forma cooperativa? O que é mais importante num jogo cooperativo: a presença de um participante muito habilidoso, ou a presença de vários participantes que, apesar de não serem tão habilidosos, sabem trabalhar em equipe? O que fazer para evitar ou superação a violência? Na escola, a convivência cooperativa supera o individualismo e a competição? Concluindo as ações da intervenção.

#### **4 RESULTADO DA INTERVENÇÃO**

No decorrer dos meses de agosto e setembro foi realizada a intervenção do projeto em sala de aula. Foi trabalhada com um total de 31 alunos do 9º ano B, (Ensino Fundamental), turma escolhida por apresentarem envolvimento à violência/relacionamentos, intolerância, indisciplina, em casos diversos e recorrentes na escola. Realizada em duas aulas de 55 minutos cada, a intervenção foi abordada de forma dialogada/expositiva, explicando a dinâmica da intervenção pretendida e por meio de perguntas sobre o que significa violência; já presenciaram casos ou momentos de violência em casa, na escola, na comunidade? Quando presenciaram brigas, quais atitudes tomam? As atividades na escola contribuem para minimizar a violência? Preservam e colaboram para que a violência na escola não aconteça? Nesse mo-

mento, depois de instigados a relatos de experiências ou vivências ao tema violência, puderam demonstrar conhecimentos e envolvimento com o tema de forma participativa, falando ou ouvindo.

Para a ilustração e aprofundamento do tema utilizou-se a apresentação das imagens, expostas anteriormente na metodologia, em forma de slides, com cenas de violência na escola ou entorno, para as quais os educandos participaram respondendo e descrevendo ações positivas para evitar ou prevenir. Nesse momento, percebeu-se que nos diferentes casos de violência, na visão deles, esta se resume em “brigas, agressões físicas e verbais, que ferem ou agridem outras pessoas, seja por dentro ou por fora”. Para evitar ou prevenir ações de violência, a resposta foi geral e relacionam-na com a falta de respeito, valores e mais tolerância por parte de todos, também evitar qualquer ato que desencadeie em formas de violência. Coube, então, conscientizá-los de que a convivência com a diversidade, rica e mista na escola, frequentemente é alvo de preconceitos e discriminações, o que resulta com conflitos e violências, mas que contribui para o crescimento humano em diferentes aspectos.

Na segunda aula, os discentes participaram de dinâmicas e jogos cooperativos, expostas anteriormente na metodologia, em aula prática na quadra, objetivando conscientizá-los da possibilidade da convivência, grupal e colaborativa, ofertada pelos jogos cooperativos. Nesse momento, os alunos puderam vivenciar situações diversas de cooperação, sentir-se parte integrante e indispensável ao grupo, perceber a importância de sua colaboração para o andamento do jogo ou dinâmica proposto, demonstrar entusiasmo, alegria, interação, espírito de equipe, atitude e solidariedade com os colegas, além de divertirem-se e brincarem juntos. Conforme algumas fotos a seguir:

Foto: jogo da velha cooperativo com bambolês ao fundo e preparativos p/ próxima.



Foto: caneta na garrafa.



Foto: caneta na garrafa.



Foto: globos cooperativos.



Foto: globos cooperativos.



Para encerrar a intervenção na escola, foi realizada na quadra uma grande roda de conversação, discutindo e respondendo aos questionamentos expostos na metodologi-



a, influenciando mudanças de ações/comportamentos, visando contribuir para a boa convivência na escola. Nesse momento alunos envolvidos com atos de violência, seja como vítimas ou agressores contribuirão revendo seus conceitos, ações e atitudes, no sentido de adquirirem novo comportamento, mais tolerante, amigável, de respeito e de valor ao próximo, melhorando o ambiente da sala (escola) e futuramente da sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto educadores, temos o dever de trabalhar e contribuir a formar cidadãos críticos, participativos, conhecedores de seus deveres e direitos. No entanto, quando falamos de violência, seja na escola, na família, nos esportes ou na sociedade, percebe-se que o único responsável por atos de violência é o ser humano. Ser dotado de inteligência, ser racional de livre arbítrio, que pensa e age segundo sua vontade e desejo. Pratica-o contra os animais, a natureza, o patrimônio e o que é pior contra seu próprio semelhante-irmão.

Na luta pela sobrevivência diária, os seres humanos, acabam esquecendo os valores éticos e morais que devem conduzi-los e acabam por cometer atrocidades irreparáveis, marcas internas ou externas que jamais desaparecerão de suas vítimas. Casos diários e crescentes da violência, podemos acompanhar nos noticiários, nos meios onde estamos inseridos, que nos atingem deixando-nos imergidos nesse contexto do qual ora somos vítimas ora agressores. Para finalizar, retorno na abordagem da última imagem dos slides (na metodologia): “investir na educação ou construir mais presídios”?

Seguramente como educadores, jamais podemos desistir, desanimar ou desacreditar do potencial dos nossos educandos para ações do bem ou deixar de investir na educação enquanto instrução formal. Além da família, somos contribuintes diretos da formação e do futuro da sociedade, que almejada, menos violenta e mais humanizada. Fica claro também a necessidade de ações pedagógicas interdisciplinares no intuito de discutir a prevenção de forma ampla e instruí-los sobre o tema.

Nesta perspectiva, incentivar os professores no sentido de se dedicar à leitura e a um planejamento mais reflexivo sobre a realidade do aluno, promovendo debates, discussões, que envolvam toda a escola e a comunidade, a conhecer e fazer valer seus direitos e deveres como cidadãos. Oportunizar momentos de lazer, como a disponibilização ou abertura das escolas, à comunidade nos finais de semana; a interação entre escola-família e comunida-

de com a promoção de atividades diferenciadas; o envolvimento dos discentes em cuidar do estado físico e da limpeza dos espaços na escola; reconhecimento e valorização dos trabalhos docentes pelos envolvidos na gestão escolar; respeito, autonomia e delegação de tarefas aos envolvidos nas diversas funções/trabalhos na escola, entre outras, também contribuem nesse processo.

## 5 REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; Rua, M. G. **Violências nas Escolas**. 2 ed. Brasil: Unesco, 2002.
- ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.
- UNC – Mafra/SC., 2002. Apostila de Recreações.
- ART. 227, **DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/busca?q=ART.+227+DA+CONSTITUI%C3%87%C3%83O+FEDERAL>. Acesso em 15/11/2013.
- AURÉLIO. **O Dicionário da Língua Portuguesa**. 6. ed., Curitiba: Positivo, 2005.
- BARBOSA, C. L. de A. **Educação Física Escolar da alienação à libertação**. 4. ed., Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2004.
- BARRETO, V. “Educação e violência: “reflexões preliminares”. In: ZALUAR, Alba.(org). **Violência e Educação**. São Paulo: Cortez, 1992, p. 55-64.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ENSINO MÉDIO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos; se o importante é competir, o fundamental é cooperar**. ed. renovada. São Paulo: Cepeusp, 1995/Santos: Projeto Cooperação, 1997.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A História Que Não Se conta**. 2. ed., Campinas: Papirus, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DARIDO Jr., O. M. S. **Para Ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola**. 2ª ed. Campinas. SP: Papirus, 2007.

DARSIE, M. M. P. **Perspectivas Epistemológicas e suas Implicações no Processo de Ensino e de Aprendizagem**. Cuiabá, Uniciências, 1999

EDUCADORES. **Disciplinas**. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/>. Acesso em 20/08/2013.

FANDERUFF, L. **A Práxis Pedagógica na Educação Física**. Monografia. Mafra - SC: 1992.

FERREIRA, S. L. **Recreação Jogos Recreação**. RJ. 4ªed. Sprint, 2000.

FREIRE, J. B. **Educação do Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. 3. ed., São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1992.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe – UFSM. **Visão Didática da Educação Física**. Análises Críticas e Exemplos Práticos de Aulas. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1991.

HUNBERMAN, M. **Didática da Educação Física – A prática pedagógica dos professores de Educação Física**. Livro Ciclos da carreira profissional.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, Brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. **Texto na íntegra Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Editora Saraiva.

MATTOS, M. G. de. NEIRA, M. G. **Educação Física Infantil: Construindo o movimento na escola**. 2. ed., São Paulo: Phorte editora, 1999.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física Cuida do Corpo e - “Mente”**. 9 ed. Campinas/ SP: Papyrus, 1990.

NÚCLEO REGIONAL ITINERANTE. 30/04/09, oficinas de jogos, brincadeiras e dança.

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é Educação Física**. São Paulo: Nova Cultural/ Brasiliense, 1986.

ORLICK, T. **Vencendo a Competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. PR, 2008.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais**. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. PR., 2008.

PERRENOUD, P. **Avaliação**. A Excelência à Regulamentação das Aprendizagens: Entre duas lógicas. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **PPP, 2011** da Escola Manoel Ant. da Cunha.

SAVIANI, D. **Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

SEED – Pr. SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos, v. 4. Curitiba Pr: 2008.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Avaliação, Sociedade e Escola: Fundamentos para Reflexão**. Curitiba, outubro de 1985.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO E DEPARTAMENTO DE ENSINO DE 1º GRAU. **Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná**. Curitiba: 1990.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares de Educação Física para a Educação Básica**. Curitiba: 2006.

SOARES, C. L. et. al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOLER, R. **Esporte Cooperativo: uma proposta para além das quadras, campos, e pátios**. Rio de Janeiro: Sprint, 2009.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Textos e Resumos**. Vol. 21, nº 1. Set. 1999. ANAIS, Caderno 3.

TOSETI, S. **A Educação Física**. Erechim, RS: Editora Edelbra, sd.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Educação - Departamento de Estudos Básicos, Psicologia da Educação I-A – Edu01011. **Violencia na escola. Psicologia da Educação**. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/Viol%C3%Aancia\\_na\\_escola](http://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/Viol%C3%Aancia_na_escola). Acesso em 15/11/2013.

W VIOLENCIA – **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em: [pt.wikipedia.org/wiki/Violência](http://pt.wikipedia.org/wiki/Violência) – acesso em: 15/11/2013.